

# **AUTONOMIA UNIVERSITÁRIA: NOVAS CONSTRUÇÕES DE TERRITÓRIOS PARA A APRENDIZAGEM NA GRADUAÇÃO NA MODALIDADE A DISTÂNCIA**

**Canoas/RS Maio/2016**

**Selma Franca e Silva da Costa - Universidade Luterana do Brasil - francaselma@gmail.com**

**Tipo: RELATO DE EXPERIÊNCIA INOVADORA (EI)**

**Categoria: MÉTODOS E TECNOLOGIAS**

**Setor Educacional: EDUCAÇÃO SUPERIOR**

## **RESUMO**

*Este estudo tem por objetivo analisar questões fundamentais e os novos desafios afetos ao processo de aprendizagens em cursos de Graduação na modalidade EaD. Diante de inúmeras demandas que a modalidade enfrenta, no contexto de uma sociedade que demonstra, cada vez mais, apostar em produções de conhecimento por meio de ferramentas informatizadas, alguns destes desafios são construídos a partir de práticas pedagógicas evidenciadas em iniciativas construídas com demonstração de resultados concretos, como em trabalho realizado junto a 600 alunos em curso de EaD no ano de 2015. As possibilidades de análise de diferentes contextos educacionais e de distintos alunos observados na modalidade a distância, identificados como parte do binômio aprender-a-aprender, poderão auxiliar na caracterização da aprendizagem que se concretiza ao final de um curso/disciplina com a aplicação de conhecimentos construídos coletivamente a partir do reconhecimento de uma autonomia exercida, compreendida e publicada. A aprendizagem realizada nesta dimensão promove novas formas de planejar, organizar, acompanhar e avaliar a geração de conhecimento por meio da interatividade entre protagonistas na graduação.*

**Palavras-chave: autonomia, aprender, saber fazer**

## Introdução

O divisor de águas entre o mundo antes e depois da informatização aponta a década de 1950 como a era da propagação da tecnologia nos meios de comunicação. A educação a Distância - EaD, disseminada enfaticamente a partir dos anos noventa, evidencia uma larga discussão de fazeres em educação que estão alterando as concepções de aprendizagens.

Todo o aparato tecnológico que permeia a modalidade traz consigo a justificativa de ser meio para ajudar a efetivar novas formas de aprendizagem e de conhecimento. Logo, a tecnologia da informação é a coadjuvante que deve contribuir para a aquisição e aplicação dos conhecimentos que surgem a partir de novas formas de aprender.

Castells (2008) enfatiza que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos e, uma vez que usuários e criadores podem tornar-se as mesmas pessoas, os usuários podem assumir o controle da tecnologia como no caso da Internet tornando-se protagonistas das ações promotoras de construções imbricadas que surgem em todas as áreas do conhecimento expressando as necessidades humanas do presente.

Se a tecnologia, ao aproximar-se da educação, promoveu alterações significativas de modos e processos de se aprender, a ciência da educação, por sua vez, modificou-se de forma ainda pouco explicada. Somente com o passar dos anos poderá haver uma análise mais pontual sobre as transformações observadas entre essas ciências, que se unem e dão origem a novas ações, frutos de reflexões diferenciadas, por conterem significados concretos, atualizados e voltados para uma agilidade e temporalidade antes não conhecidas.

Este relato de experiência apresenta uma proposta de trabalho educacional, realizada na EaD, com a proposição de analisar as concepções metodológicas do exercício da ação pedagógica dessa modalidade de aprendizagem a partir dos conceitos de autonomia, aprender e saber fazer.

### 1. Educação e tecnologia

Esta nova realidade social de aprendizagem promove discussões atualizadas sobre as maneiras de formar cidadãos, com desafios inusitados a serem vencidos, em meio a esses contextos tecnológicos, informacionais e digitais que fazem parte dos processos de construção do conhecimento, de forma efetiva daqui por diante. Observando-se o panorama de mudanças presentes na nova sociedade da informação, a educação assume um papel fundamental na produção de conhecimentos através do uso das tecnologias.

As novas tecnologias de informação e comunicação surgem acentuadamente como *um meio* em todas as esferas sociais, inclusive na Educação. Ao tratar dessa perspectiva, Brennan e Guimarães (2007) ressaltam a necessidade de se praticar uma educação tecnológica voltada à integração entre tecnologia e humanismo, que não mantenha o foco apenas na relação educação/produção econômica, mas, principalmente, na formação integral do indivíduo, em que as culturas também sejam valorizadas. Vista assim, a EaD, como principal referência ao binômio educação-tecnologia, se insere diretamente nos propósitos defendidos pela pedagogia social em busca de garantias dos direitos humanos, em especial aqueles que explicam as necessidades de realização, por meio de respostas para o avanço da humanidade em todas as áreas do conhecimento.

Nesse sentido, a EaD é sinônimo de novas possibilidades de busca, troca e consolidação de saberes, pautadas na coletividade e no respeito às pluralidades sociais e culturais. As transformações nessa área trouxeram para o presente a utilização do computador e das redes digitais que potencializaram consideravelmente os modos de conceber e praticar essa modalidade de ensino. A “distância” praticada pela modalidade passou a ser presença e a configurar como uma questão pedagógica, relegando a questão geográfica a uma análise secundária, visto que longe se tornou um lugar que não mais existe, uma vez que o mundo digital potencializou as possibilidades de contato e subtraiu as distâncias entre os sujeitos que constituem a EaD.

## 1. Prática Educacional em EaD

A prática Educacional realizada nesta dimensão promove novas formas de planejar, organizar, acompanhar e avaliar a informação para a geração de conhecimentos. Para tanto existe a necessidade de se reconhecer os processos que a envolvem.

Muitos teóricos dedicam-se à análise do significado da dimensão de trabalho com pessoas no âmbito acadêmico especificando que a “Informação”, “Revolução da Informação” e “Sociedade da Informação” estão diretamente ligadas a transformações sociais (CASTELLS, 2003). Para o autor, o processo de revolução da informação está associado a revisões no processo capitalista de produção, sendo a década de 1970 considerada um marco em relação a estas transformações. E ainda caracteriza a atual revolução tecnológica na universidade não como o centro de conhecimentos e informação, mas a aplicação dos dois elementos para a geração de conhecimentos no processo comunicação/informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso.

Pochmann (2002) aponta que os componentes formais de um modelo de gestão de pessoas se definem por princípios, políticas e processos que determinarão as diretrizes para as relações humanas no interior das organizações. Destaca-se, dessa análise, a ênfase que é dada ao curso previamente determinado por processos, que são instrumentalizados por um ou mais subsistemas de gestão, tais como: processos de trabalho, acompanhamento de equipes e pessoas e inovações que surgem para suprir necessidades recorrentes. Na universidade, estas questões podem ser amplamente discutidas.

D'Antoni (2006) ressalta que o ambiente acadêmico atual se caracteriza por mudanças velozes, imprevisibilidade e fatores contingenciais intensivamente cambiantes. Nesse sentido, as organizações da área tecnológica também sofrem a influência da cultura da qual fazem parte, embora as prescrições para suas práticas estejam difundidas por meio de um discurso próprio generalizado. Os principais elementos que compõem essa narrativa se afirmam, principalmente, pelos seguintes aspectos: heterogeneidade na composição dos grupos de trabalho; criatividade; teletrabalho; flexibilidade de horário; trabalho em equipe; formação variada; ênfase na competência pessoal; menor rigor hierárquico; e equipes multifuncionais com alto poder decisório (MARTIN, 2000; ANDRADE, 2002; OLIVER, 2002).

Como compromisso de assumir a continuidade e o atendimento a novos profissionais, que necessitam possuir aprofundamento em suas áreas de conhecimento a graduação, na modalidade a distância, surge como um desejo de se buscar novos horizontes na universidade.

Na realidade de cursos de graduação, os processos de produção do conhecimento procuram se afinar em busca de metas que atinjam a qualificação, de um lado, do professor que atua na modalidade, que deve possuir conhecimentos sobre a TI e, de outro, do aluno que deve se mostrar

interessado em saber pensar criticamente com demonstração de autonomia, inovação, responsabilidade e demonstração de aprendizagem.

A proposição de prática educacional na graduação da EaD traz em si novos desafios, tendo em vista que o paradigma de educativo contemporâneo convida ao exercício de formas flexíveis de aprender, descentralização de poder do conhecimento, redesenho de estruturas de responsabilidades e criatividade no âmbito da interatividade virtual. Para tal, torna-se importante que os educadores dessa modalidade estejam preparados para enfrentar as mudanças sucessivas, com vistas à qualidade e maior proatividade de seus alunos, através de estratégias pedagógicas capazes de gerar resultados crescentes e positivos, como vêm demonstrando ser os programas de graduação na modalidade a distância.

### **1. Protagonistas Responsáveis**

Drucker (2000) é enfático: aquilo que chamamos de revolução da informação é, na realidade, uma revolução do conhecimento e quem a protagoniza são os profissionais da rede. Como protagonistas desse processo, devem ser valorizados como o principal capital da organização.

Nas organizações da área tecnológica (especificamente da área de informática e telecomunicações), as considerações de Drucker (2000) adquirem peso, já que em grande parte da atividade de tais organizações o conhecimento do trabalhador será de fundamental importância para o sucesso do negócio. Nesse contexto, as pessoas devem ser consideradas o principal fator estratégico da modalidade, ou seja:

*“(...) nas E-organizações todos devem sentir-se responsáveis pela busca de um ambiente adequado para o sucesso. As pessoas nessas organizações assumem o papel de criar um ambiente propício para que o compartilhamento de conhecimento seja alcançado e todos possam exercer seus papéis com harmonia, buscando a satisfação dos clientes e sua própria” (ANDRADE, 2002, p.56).*

Daí pode ser compreendido que a dinâmica a ser observada nas relações de trabalho pedagógico dessa modalidade deve expressar a eficácia e integração de processos de trocas com pessoas e entre pessoas que buscam distintas aprendizagens, por meio de ações planejadas, implementadas pelos saberes das áreas que envolvem os programas e cursos ofertados. Esses saberes devem ser o foco de cursos que se desenvolvem para atualizar profissionais que atuam em ambientes de alta competitividade.

Observando-se este contexto de atuação, os educadores devem indicar às turmas o exercício do espírito integrador, flexibilidade de decisões e o reconhecimento de sugestões e proposições coletivas, para que o trabalho a ser proposto à comunidade interessada possa ser socializado e impregnado de pensamentos coletivos e convergentes.

Em uma perspectiva similar, as contribuições atualizadas de Guimarães e Brennan (2007) ressaltam a necessidade de se praticar um trabalho pedagógico com o apoio tecnológico voltado à integração entre tecnologia e humanismo, que não mantenha o foco apenas na relação educação/produção econômica, mas, principalmente, na formação integral do indivíduo, em que as culturas também sejam valorizadas. É nesse sentido que a prática educacional em EaD, como principal referência ao binômio aprender-a-aprender, se insere diretamente nos propósitos

defendidos pelos estudos da pedagogia reflexiva.

A concepção que fundamenta a EaD pode ser assim expressa: estudantes e professores estão em lugares diferentes durante todo tempo, ou maior parte do tempo em que ambos aprendem e ensinam. Moore (2008) define a EaD como uma família de métodos de instrução, nos quais os comportamentos de ensino são executados em separado dos comportamentos de aprendizagem, de modo que a comunicação entre o estudante e o instrutor precisa ser facilitada por dispositivos impressos, digitais e outros.

### **1. Aprendizagem por territórios Socializadores**

Esta nova realidade social leva-nos a refletir sobre as maneiras de formar cidadãos capazes de vencer os desafios desse contexto tecnológico, informacional e digital. Mediante tal panorama de mudanças, presentes na nova sociedade da informação, a prática educacional na graduação é convocada a assumir um papel fundamental na produção de conhecimentos.

Através do uso das tecnologias e de parcerias, essa ação intencional educativa deve constituir um trabalho que ultrapassa paredes e prédios em busca de territórios subjetivos, capazes de oferecer contribuições concretas para que essas tecnologias de informação e comunicação estejam a serviço e presentes em todas as esferas da produção de conhecimento efetivada nesta modalidade educacional.

Em nossa realidade, existem tarefas estabelecidas que funcionam em forma de rede, para atender as demandas que surgem de forma contínua, para suprir as transformações inerentes à educação continuada proposta na modalidade nos seguintes segmentos:

*Professores* – atuam de forma conjunta em busca de necessidades voltadas a contextos de aprendizagem, com planejamento, acompanhamento e avaliação sistemática de processos educativos, por meio de monitoramento às ações e práticas efetivadas nas disciplinas e curso.

*Alunos* – ocupam-se em atender as demandas que envolvem as disponibilidades e necessidades de conhecimento, ou seja, lidam de forma efetiva com as ferramentas e mídias interativas, manuseadas para atender os objetivos de demonstração de aprendizagens. Articulam as ações entre aluno/professor, para saneamento de informações.

*Territórios navegados* – são espaços indeterminados por tempo e geografia, são os chamados ciberespaços. Podem ser síncronos, ou assíncronos, para a promoção do atingimento de objetivos propostos pelos protagonistas participantes em ações pedagógicas. Envolvem o acompanhamento aos alunos, por meio da netaula, por meio do autoatendimento, que possui as ferramentas necessárias para o esclarecimento de dúvidas e troca de informações. Nesse espaço ocorrem os distintos exercícios que podem promover a construção e/ou desenvolvimento de uma autonomia para uma aprendizagem que signifique e que demonstre uma concreta validade para os alunos em formação.

*Concretizações e expectativas* – A utilização de técnicas de questionamentos, debates, levantamento de dúvidas a serem esclarecidas pelos alunos e de formas de redação em busca de novas questões para respostas já existentes fazem a diferença ao final de uma jornada. Nessa perspectiva, os alunos desconstróem modos de apenas perguntar para outros de responder às questões que lhes são desafiadas. Nesse sentido, observa-se um contínuo aperfeiçoamento no perfil dos protagonistas, tendo em vista as constantes transformações e possibilidades de

participações utilizadas, fazendo com que a aprendizagem nessa proposta da modalidade seja predominantemente dinâmica e passível de demonstrações.

Todas essas ações ocorrem em um território denominado de ciberespaço com inúmeras subjetivações a serem decodificadas. Ciberespaço pode ser considerado o sistema de comunicação mais rápido de todos os tempos. É um espaço de elos de congruência, presentes nos mais diversos aspectos do cotidiano, dando seguimento à criação de uma nova face cultural, a cibercultura (LÉVY, 2000).

As intervenções de da prática educacional nesse contexto partem do pressuposto de que existem conhecimentos sobre a cibercultura pelos envolvidos. Na experiência do exercício da autonomia, esses conhecimentos podem ser construídos através da interação entre dois atores, ou entre coletividades, manifestando sociabilidade, externalização, internalização e combinação de saberes. O desafio para essa construção do conhecimento a distância, na graduação, passa pelo planejamento e aplicação de modelos de sistemas de educação a distância, baseados em orientações Legais no país. Essas manifestações demonstram, mesmo que não pareça, aspectos de culturalidade, socialização e integração como eixos necessários às atitudes resultantes da interação dos sujeitos tele-inter-atuantes.

Esse conjunto de ações, habilidades e responsabilidades dos sujeitos aprendentes promove uma trajetória contínua que se torna passível de transformações, na medida em que a plataforma, enquanto sistema da modalidade, e as diversas ferramentas utilizadas para a produção de aprendizagens indicam a necessidade de contínua mudança a cada ciclo acadêmico. A articulação de pessoas, funções e utilização adequada de ferramentas guiam a promoção de resultados satisfatórios ao final de cada disciplina concluída.

## **Conclusões**

O avanço tecnológico no campo da comunicação (TV, Internet) e a interdependência mundial na economia fizeram do planeta terra uma “aldeia global”. Marshall McLuhan já possuía esta antevisão há mais de duas décadas.

Ao descrevermos o processo de prática educacional com autonomia realizado na graduação da modalidade EaD, percebe-se que trabalhamos com metas voltadas para a qualidade social, que resultam da interação entre o indivíduo, grupos, instituições e o seu ambiente de convívio como base para seu desenvolvimento pessoal e social.

Portanto, a pergunta central é: quais condições precisam ser ainda criadas a cada nível (protagonistas, disciplinas e cursos ofertados), para que possam participar e contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento do todo da modalidade (o ambiente social) e, de outro lado, quais condições devem ser criadas em um processo de aprendizagem na EaD, para que se torne possível o desenvolvimento qualificado de todos os envolvidos?

Pensávamos que o trabalho realizado no ciberespaço fosse um desafio para buscar as relações virtuais entre sujeitos reais. No entanto, a prática vem demonstrando novas possibilidades de promover experiências, possivelmente, similares às vividas no cotidiano das pessoas, feitas de forma convencional, diferindo apenas em um aspecto, o do uso de dispositivos digitais para o fomento da interatividade humana.

Imaginávamos que nossas ações fossem somente um rol de atividades para auxiliar a realização

de cursos na graduação em EaD. Porém, registrar nosso modo de trabalhar reforçou a consciência sobre a subjetividade dos processos de sociabilização, vivenciados através de relações amplificadas na realidade virtual do ciberespaço.

Na trajetória deste relato, percebemo-nos frente às possibilidades ainda inconscientes de incertezas em nossos fazeres cotidianos. Vimos revelados seres '*aprendentes*' em nossas descrições que, incansavelmente, procuram horizontes que apresentem possibilidades de demonstração de competências construídas com responsabilidade.

Reconhecemos que a educação a distância, na graduação, desencadeia a necessidade de compreensão de novos conceitos importantes para as alterações de práticas educativas e educação continuada, como por exemplo, a gestão do conhecimento.

Percebemos que as contribuições apresentadas evidenciam a importância das relações de cooperação entre universidade e polos, para a demonstração da atuação direta das atividades da modalidade, por meio de duas ações interorganizacionais: construir a legitimização da prática educacional na modalidade e institucionalizar os processos de cooperação com vistas à formação qualificada de novas gerações profissionais.

Mais do que nunca, precisamos de oportunidades de expressão sobre o que é vivido durante a formação profissional para desejarmos a busca concreta de transformações que possam elevar a aprendizagem que se observa na educação a distância a uma condição agregadora nos currículos. Reconhecemos que estamos protagonizando o início de um tempo que ainda terá muito mais a apresentar. Nossa tarefa, no momento, é estabelecer possibilidades para a criação de laços virtuais que sigam auxiliando o trabalho daqueles que apostam em um sistema de aprendizagem que seguirá se desenvolvendo nos anos a seguir.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. R. (2002): **Comportamento e estratégias de organizações em tempos de mudança sob a perspectiva da tecnologia da informação**. Caderno de Pesquisas em Administração. São Paulo, v. 09, nº 2, abril-junho.

CASTELLS, Manuel. (2008): *A sociedade em rede*. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra.

D'ANTONI, S. (ed) (2006): **The virtual university: models and messages**". In: Lesson from cases studies. Paris: Unesco.

DRUCKER, P. (2000): **O advir da nova organização**. In: MCGOWAN, W. (Org.) Revolução em tempo real: gerenciando a tecnologia da informação. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Campus.

GUIMARÃES, Jane Mary de Medeiros e BRENNAND, Edna G. de Góes. (2007): *Educação a*

*distância: a “rede” eliminando fronteiras*. João Pessoa: Editora Universitária.

LÉVY, Pierre (2000): *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34.

MARTIN, James. (2000): **Ciberorganizações: Via obrigatória para a revolução**. Disponível em

MOORE, Michael G. (2008): *Educação a distância: uma visão integrada*. São Paulo: Cengage Learning.

OLIVER, R. (2002): **Blueprint para el diseño de la organizacion del futuro**. Disponível em

POCHMANN, Márcio. (2002): **E-trabalho**. São Paulo: Publisher